

Entrevista realizada em 22/01/2020

ENTREVISTA: NIÈDE GUIDON

INTERVIEW: NIÈDE GUIDON

Entrevistadoras: Gabriela Martin¹

gabrielamartinavila@gmail.com

Anne-Marie Pessis²

annepessis@gmail.com



A Professora Niède Guidon é a arqueóloga brasileira mais premiada até a data. Tanto pelas suas pesquisas como pela sua luta na defesa do patrimônio cultural e natural do Parque Nacional Serra da Capivara. Enumeramos apenas os prêmios mais significativos nacionais e internacionais recebidos em reconhecimento do seu trabalho durante mais de quatro décadas. Entre eles cabem destacar O Prêmio Chevalier de la Légion d'Honneur, do Governo de França, em 2014; Prêmio Fundação Conrado Wessel, Ciência, da Fundação Conrado Wessel, em 2014; A homenagem pela defesa à sustentabilidade, no 5º Fórum Mundial do Meio Ambiente, em 2010; A Ordem do Mérito Científico, Grã Cruz, do Ministério de Ciência e Tecnologia, em 2005; O Green Prize, Paliber, em 2005; O Prêmio Príncipe Klaus, do Governo da Holanda, em 2005; e o prêmio Cientista de Ano, da SBPC, em 2004.

¹ Programa de Pós-graduação em Arqueologia, UFPE.

² Fundação Museu do Homem Americano, FUMDHAM.

No ano 2020 e depois de mais de quarenta anos de pesquisas arqueológicas no Parque Nacional Serra da Capivara, a Dra. Niède Guidon decidiu que estava na hora de parar, descansar, refletir, escutar música e ler todos os livros que ainda não teve tempo de ler. Na sua bela casa no Bairro Campestre de São Raimundo Nonato, no Piauí, acompanhada dos seus cachorros, alguns gatos e especialmente centenas de passarinhos que diariamente acodem ao seu jardim, recebeu CLIO – Arqueológica para uma entrevista. Com mais dúvidas que respostas, na qual a arqueologia foi o fio condutor, Niède Guidon discorreu sobre a trajetória da sua vida e os novos caminhos da pesquisa científica no Brasil. A entrevista foi realizada, em parte, pelas suas colegas e amigas Gabriela Martin e Anne-Marie Pessis durante uma conversa informal.

Clio: A sua trajetória como arqueóloga, o seu desempenho na Presidência da Fundação Museu do Homem Americano e na gestão do Parque Nacional Serra da Capivara são fartamente conhecidas, inclusive pela contínua exposição na mídia nacional e internacional. Por isso, nos fale de um aspecto menos conhecido qual seja a sua formação e os mestres da sua juventude.

Niède Guidon: Sou formada em Ciências Naturais na USP e tenho orgulho de ter estudado na Escola Pública toda minha vida. Comecei trabalhando como pesquisadora no Museu Paulista e depois no antigo Instituto de Pré-história da

*tenho orgulho de ter
estudado na Escola
Pública toda minha
vida.*

Universidade de São Paulo - USP
fundado por Paulo Duarte. Nessa
instituição trabalhei ao lado de
Luciana Palestrini, Dorath Pinto
Uchôa, Silvia Maranca, Caio del Rio
Garcia e outros pesquisadores que

depois se destacariam como oriundos da Escola Francesa e que Annette Laming-Emperaire influenciaria com a sua vinda ao Brasil e as suas pesquisas em Lagoa

Santa, MG. Naquela época destacados nomes da arqueologia francesa vieram também ao Brasil e que seriam o cerne de uma arqueologia científica no País.

Durante a Segunda Guerra Mundial por diferentes motivos, políticos principalmente, muitos cientistas da Alemanha emigraram a vários países da América do Sul. De Berlim vieram o zoólogo Ernest Marcus e o botânico Felix Ramwistcher, dois destacados especialistas que contribuíram ao desenvolvimento das ciências naturais na USP. Como o faria também o etnólogo e antropólogo Paul Rivet e a sua Teoria Oceânica sobre o povoamento múltiplo da América e que foi o primeiro diretor do Musée de l'Homme.

3

Clio: Pode dar-nos detalhes da sua formação na França?

Niède Guidon: Dos meus anos na França, quando preparava o meu Doutorado na Universidade de Paris (Paris 1 Pantheon-Sorbonne), posso citar o Professor André Leroi-Gouhan que além do seu trabalho pioneiro sobre a Arte Rupestre da região franco-cantábrica, nos inculcava a necessidade e a importância da interdisciplinaridade na Arqueologia. Formando, também, na área de ciências da terra para ele o homem era um elo a mais da cadeia dos seres vivos. Eu já tinha estado no SE do Piauí e tomado contato com os primeiros sítios com pinturas rupestres descobertos na região que depois integraria o Parque Nacional Serra da Capivara, de modo que minha primeira tese já tratava desse tema sob o título “Les peintures rupestres de Varzea Grande, Piauí, Brésil,” que defendi em 1975

orientada por Leroi-Gouhan. Meu Doctorat d'Etat é de 1984 e seguidamente passei a formar parte como Professor Titular na Ecole des Hautes Etudes em Sciences Sociales EHESS, em Paris.

Clio: O seu livro “Peintures Préhistoriques du Brésil. L’Art Rupestre du Piauí”, publicado na França, poderia ser considerado a incursão internacional da arte rupestre do Brasil. Como se deram os inícios dessa interação científica França – Brasil que resultaria tão frutífera?

Niède Guidon: A relação científica entre a França e o Brasil no âmbito da Arqueologia é muito antiga. Remonta aos anos em que Paul Rivet fundou o Instituto Francês de Altos Estudos Brasileiros, sediado no Musée d l’Homme, em Paris. Nas coleções brasileiras constavam materiais etnográficos e arqueológicos com ênfase na pré-história e o estudo dos sambaquis do sul do Brasil. Rivalidades políticas da pós-guerra fizeram fracassar o Instituto que teve uma vida de menos de uma década. Nessa iniciativa, os registros rupestres pré-históricos ficaram à margem, na medida que no sul e sudeste do Brasil não eram significativos. O Nordeste continuava sendo um parêntese ignoto entre os estados do sul e da Amazônia, neste último caso sob os interesses dos arqueólogos norte-americanos desde longa data.

*A relação científica
entre a França e o
Brasil no âmbito da
Arqueologia é muito
antiga.*

A descoberta das pinturas e gravuras rupestres do Piauí causou grande impacto nos meios acadêmicos.

A descoberta das pinturas e gravuras rupestres do Piauí causou grande impacto nos meios acadêmicos, tanto pelo desconhecimento dos mesmos como pela riqueza antropológica que eles mostravam. Esse fato nos permitiria iniciar as missões arqueológicas franco-brasileiras no Piauí. Assim, o Projeto *O homem do*

SE do Piauí da pré-história aos dias atuais: a interação homem-ambiente foi a linha de pesquisa que orientou os trabalhos na região e que se representam hoje nos dois museus da Fumdhm, o Museu do Homem Americano e o Museu da Natureza.

Clio: Quando se inicia a primeira missão oficial arqueológica França-Brasil?

Niède Guidon: A primeira informação sobre a existência de pinturas rupestres no sudeste do Piauí nos foi transmitida em 1963. Nessa época, trabalhava como arqueóloga no Museu Paulista da Universidade de São Paulo – USP. O prefeito de São Raimundo Nonato nos mostrou algumas fotos de painéis pintados de um abrigo sob rocha situado ao borde do caminho de acesso. Nada semelhante se conhecia no Brasil nessa época, mas nossa primeira tentativa de chegar até os sítios nesse mesmo ano, ficou frustrada pela destruição de uma ponte sobre o Rio São Francisco que nos obrigou a renunciar à viagem.

Para dar uma ideia do desconhecimento da pré-história do nordeste do Brasil, citarei o XXX Congresso dos Americanistas celebrado em São Paulo no ano 1954, sem que notícia alguma apareça nas suas Atas relativa a esta região de um milhão e médio de quilômetros quadrados.

*a ideia de voltar ao
Piauí nunca me
abandonou*

Em 1964 deixei meu posto na USP e me instalei na França, mas a ideia de voltar ao Piauí nunca me abandonou,

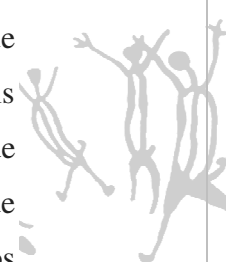


tanto assim que em 1970 aproveitando uma missão científica francesa ao Brasil, consegui incluir no programa uma visita ao Piauí.

6



Durante uma semana foram fotografadas as pinturas de quatro sítios de fácil acesso. Também foram descobertas duas antigas aldeias cuja superfície estava coberta de fragmentos cerâmicos. No curso de conversas com agricultores e caçadores locais ficamos informados que se tratava de uma região rica em abrigos pintados, sítios de aldeias com presença de sepulturas e urnas funerárias. Face à riqueza de informações decidimos estabelecer um programa de pesquisa e procurar os meios para organizar uma missão no Estado de Piauí.



Em 1973 regressamos ao Brasil e em colaboração com a equipe do Museu Paulista organizamos uma missão de três meses no sudeste do Piauí. Foram levantadas as obras de 52 abrigos sob rocha. A missão continuou no ano seguinte, com a colaboração conjunta do Museu Paulista e do Museu Nacional do Rio de Janeiro.

*um programa de pesquisas
interdisciplinares
dedicado ao estudo do
homem desde seu
aparecimento na região
até os dias atuais*

Nesses anos, preparamos um programa de pesquisas interdisciplinares dedicado ao estudo do homem desde seu aparecimento na região até os dias atuais, salientando as relações entre as populações humanas e o ambiente. A pré-história seria a parte central e fundamental da estrutura em

torno ao qual se desenvolveriam as diferentes disciplinas. Posteriormente, seria incorporado um novo projeto para o estudo da sociedade atual na região.

A partir de 1980 utilizamos o filme como meio de registro de dados de escavação arqueológica e das imagens rupestres. Em esta oportunidade se utilizaram novas técnicas de escavação que permitiriam a aceleração dos trabalhos, necessário pelas grandes dificuldades de aprovisionamento de água, em razão dos períodos prolongados de estiagem. Os registros imagéticos foram também utilizados para

documentar as técnicas artesanais da população local, em vias de desaparecimento, contando com a participação de etnólogos que se somaram ao projeto.

Clio: A senhora foi principalmente uma pesquisadora de campo, de ação, mais que de gabinete. Pode nos explicar o motivo dessa escolha?

Niède Guidon: De certa forma, eu lutei sempre contra o tempo, o que significou a limitação das verbas e a necessidade de cumprir etapas e resultados num tempo determinado. As pesquisas que iniciei no Brasil com a Missão Arqueológica Francesa no Piauí me obrigaram a obter resultados em compensação das verbas recebidas. Depois, e já instalada definitivamente no SE do Piauí, vimos como a multiplicação de sítios arqueológicos e do perigo da sua destruição por agentes vários, que aqui não caberia enumerar pois são fartamente conhecidos, nos obrigavam à arqueologia intensiva de campo frente a futuras etapas de reflexão teórica. Com tudo e frente à possíveis críticas, tenho a dizer que cada vez menos os jovens estão dispostos ao sacrifício de meses de campo sob a batuta de um mestre, demasiado severo aos seus olhos, tornando-se prematuramente “especialistas” no conforto dos gabinetes refrigerados.

Eu lutei sempre contra o tempo, o que significou a limitação das verbas e a necessidade de cumprir etapas

Clio: A senhora tem alguma opinião em relação à Arqueologia Preventiva, também conhecida como Arqueologia de contrato?

Niède Guidon: A necessidade de uma legislação preservacionista nacional para o Patrimônio Arqueológico já estava patente entre os pesquisadores mais esclarecidos brasileiros e franceses que presenciaram a destruição sistemática dos sambaquis

*presenciaram a destruição
sistemática dos sambaquis
brasileiros ou o espólio de
sítios na Amazônia*

brasileiros ou o espólio de sítios na Amazônia, por citar dois casos gritantes do nosso país.

O IPHAN foi fundado em 1937 integrando o patrimônio arqueológico na sua legislação, embora o Centro Nacional de

Arqueologia seja de criação recente mas que demonstra um interesse crescente pela preservação desse patrimônio. Isso se deve à pressão das sociedades científicas como a SAB e a ABAR entre outras e ao aumento do número de arqueólogos no Brasil, a partir da criação de numerosos cursos de mestrado e doutorado em Arqueologia nas universidades brasileiras.

Eu não deixo de me surpreender entre a minha chegada na região SE do Piauí há quase cinquenta anos e a realidade atual, com uma Universidade Federal, a

UNIVASF, com graduação e mestrado em Arqueologia e em Ciências Naturais, em São Raimundo Nonato, cidade também sede da Fumdham.

Mas, voltando à sua pergunta sobre a minha opinião da Arqueologia Preventiva, acho que o lado positivo seja que o aumento do rigor nas leis preservacionistas

empresas que circulam por esse Brasil afora sem a devida preparação nem limites geográficos determinados.

oferece campo de trabalho a muitos arqueólogos recém-formados sem a possibilidade de se integrar na academia. O lado negativo, a meu ver, tem sido a proliferação de empresas privadas dedicadas ao trabalho arqueológico acompanhando as

obras públicas e os grandes empreendimentos, empresas que circulam por esse Brasil afora sem a devida preparação nem limites geográficos determinados.

Clio: Achamos que é o momento para falar da criação do Parque Nacional Serra da Capivara e da Fundação Museu do Homem Americano.

Niède Guidon: No dia 5 de junho de 1979, a nosso pedido, o Presidente João Baptista Figueiredo assinou o decreto no. 83.548 de criação do Parque Nacional Serra da Capivara. Nossa expectativa era que o governo assumisse a proteção da unidade de conservação. Mas depois do primeiro quinquênio, foi constatado que o

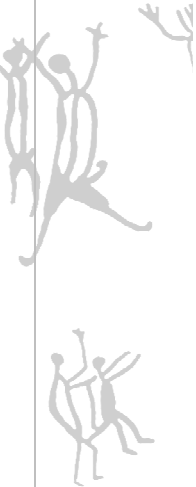
*pesquisadores brasileiros e
franceses que trabalhavam
na região nas diferentes
missões arqueológicas
decidiram criar a Fundação
Museu do Homem
Americano*

Parque tinha ficado abandonado. A fauna e a flora foram em parte arrasadas provocando um desequilíbrio ecológico de tal magnitude que colocava em perigo os sítios arqueológicos que a floresta preservava durante milênios. Para tentar deter essa destruição, os

pesquisadores brasileiros e franceses que trabalhavam na região nas diferentes missões arqueológicas decidiram criar a Fundação Museu do Homem Americano com a intenção de estabelecer a forma de proteger os sítios pré-históricos e o seu entorno.

Em 1991 o Parque Nacional Serra da Capivara é incluído pela Unesco na lista do Patrimônio Mundial da Humanidade em reconhecimento à riqueza e singularidade dos seus sítios arqueológicos. As escavações realizadas nos seus abrigos e cavernas permitiram o estabelecimento de sequências cronoestratigráficas excepcionalmente

longas, que serviram de base comparativa para as cronologias pré-históricas de outras regiões de América do Sul.



O destino e a trajetória da Fundação Museu do Homem Americano ficaram sempre atrelados às pesquisas interdisciplinares

Essas sequências cronológicas resultaram de escavações em sítios que apresentaram sedimentos profundos, com marcas de ocupação humana desde o pleistoceno superior. No convênio assinado entre o

12

Ibama e a Fumdhm, as duas instituições assumiam, conjuntamente, a gestão do Parque Nacional Serra da Capivara. Assim, o destino e a trajetória da Fundação Museu do Homem Americano ficaram sempre atrelados às pesquisas interdisciplinares e muito especialmente à preservação dos mais de mil sítios arqueológicos até agora registrados no Parque Nacional e seu entorno.

Clio: A inauguração do Museu da Natureza em 2018 é de certa maneira o epílogo da sua carreira e da sua trajetória interdisciplinar que liga o homem com o ambiente. Pode contar-nos como surge a ideia da criação dos dois museus?

Niède Guidon: O Museu do Homem Americano se inaugurou em 1998, sendo ampliado e modernizado em anos sucessivos. Concebemos o museu como um ser

vivo que precisa ser alimentado, não como um depósito de objetos, daí as sucessivas adaptações à museologia moderna. Já o Museu da Natureza foi pensado como um circuito retrospectivo que levaria o visitante a interagir desde a formação dos oceanos e dos continentes e da aparição dos primeiros seres vivos até o homem.



O primeiro museu, o do Homem Americano, encontra-se próximo aos laboratórios da Fumdam, perto dos pesquisadores que nela trabalham. Já o Museu da Natureza foi construído sobre

uma elevação isolada desde onde se vislumbra uma paisagem belíssima da Serra da Capivara. O espaço convida a refletir sobre a evolução geológica de umas terras que já foram cobertas pelo mar. Emergiram num ambiente tropical úmido que permitiria a existência de uma fauna de grande porte, hoje extinta. Milênios depois se assentaram grupos humanos que conviveram, também, nesse ambiente rico em recursos, permitindo seu estabelecimento permanente na região até a chegada dos colonizadores europeus.